

Ataque às minas de Morrua

N. 27/8/83

N. B.: attack was on Sunday 27th**"Você é Povo, a gente mata!"**

• Testemunhas depõem

Os engenheiros Mário Deus e Valente Ernesto estavam presentes na mina de Morrua aquando do recente ataque dos bandos armados àquele unidade de produção. Numa entrevista dada à Informação moçambicana, eles relataram os actos cri-

minosos dos bandidos, falaram sobre o ódio e o desprezo que a população manifesta em relação a estes agentes do regime racista de Pretória.

PERGUNTA — Podem descrever como se processou o ataque?

Eng. Mário Deus — Encontrámo-nos alojados na casa de hóspedes quando, aproximadamente às 4.30 horas da madrugada, começámos a ouvir tiroteio. Como a nossa casa não estivesse a ser alvejada saímos para a rua para saber o que se estava a passar. Os bandidos começaram por concentrar fogo sobre a protecção de milícias que defendia as instalações.

Pergunta — Isso quer dizer que, de imediato, houve reacção por parte das forças locais de defesa?

Eng. Mário Deus — Sim. Isso, inclusivamente, permitiu que a maioria dos trabalhadores, que nesse momento se encontrava a trabalhar, se pudessem proteger a tempo.

Valente Ernesto — É necessário salientar que o ataque realizou-se quando apenas parte das milícias se encontrava nos seus postos de vigilância. Uma outra parte encontrava-se de serviço no turno que entra à meia-noite. Não foi, portanto, toda a força de milícias que respondeu ao ataque.

Pergunta — E foi na troca inicial de tiros que foram mortos os dois milicianos?

Valente Ernesto — Exacto. Eram dois milicianos que estavam a defender a mina na principal protecção da entrada. Eles tombaram após os primeiros momentos de combate.

Pergunta — Enquanto durou a resistência das milícias os bandidos não lograram penetrar na zona?

Mário Deus — É difícil dizer com exactidão, pois a área é muito extensa e dispersa. Contudo, informações recolhidas de vários depósitos indicam que os bandidos só entraram quando se calaram as armas dos milícias.

Pergunta — Como é que eles entraram?

Mário Deus — Da área onde estávamos pudémos observar que eles tomaram posições junto ao laboratório e à casa de hóspedes. Um outro grupo penetrou na zona Industrial e residencial. Quando regressaram os elementos desse grupo começaram a partir todos os vidros, arrombaram o laboratório, a casa de hóspedes e destruíram tudo o que encontravam. Destruíram todo o material do laboratório, roubaram tecido e comida. Até no interior das residências dispararam contra as paredes e o tecto.

Pergunta — Quanto tempo demoraram os confrontos e quanto tempo permaneceram eles nas instalações?

Mário Deus — É difícil precisar. Eles devem ter-se retirado perto das 7 horas. Houve, por outro lado, grupos de mineiros que resistiram com coragem mesmo depois dos bandidos terem ultrapassado o posto de vigilância. É necessário salientarmos esse comportamento da grande coragem desses companheiros que, apesar do frágil armamento de que dispunham, opuseram resistência aos bandidos. O comandante das milícias, o próprio director da unidade e outros milicianos resistiram ainda durante

muito tempo à entrada na zona industrial.

Eu julgo que se pode calcular o tempo de resistência em cerca de duas horas e pouco. Esse tempo permitiu que os trabalhadores se pusessem a salvo. Em especial, isso permitiu que as mulheres e as crianças pudessem abandonar as residências, levando consigo alguns haveres e protegerem-se nas proximidades.

Pergunta — No desenvolvimento do assalto o bando armado dirigiu-se à residência dos cooperantes soviéticos que foi o alvo principal do ataque. Podem descrever o que se passou?

Mário Deus — O objectivo principal deve, de facto, ter sido o rapto de alguns cooperantes. Os técnicos estrangeiros encontravam-se concentrados numa área própria em casas e caravanas. Nessas casas só eles residiam, quer dizer, eles não se encontravam com as suas famílias.

Valente Ernesto — Eles dirigiram-se também para as casas de alguns trabalhadores que efectuavam acções de caça que era consumida pelos trabalhadores. Os bandidos destruíram as casas desses trabalhadores, roubaram os seus haveres e raptaram as mulheres e as filhas de alguns que não estavam presentes.

Pergunta — E nas imediações, eles não atacaram outros objectivos?

Valente Ernesto — Após o ataque às instalações, eles dirigiram-se para a central eléctrica. Mas os nossos milicianos haviam-se antecipado e ocuparam posições para assegurar a

defesa da central.

Pergunta — Podem dar mais pormenores do assalto?

Valente Ernesto — Eles quiseram deliberadamente espalhar o terror. Assaltaram e destruíram não apenas as casas dos cooperantes e dos responsáveis da empresa. Assaltaram e destruíram também as residências dos operários e de outros trabalhadores.

Pergunta — Que cooperantes estavam nas casas onde se concentrou a acção de rapto?

Mário Deus — Ali residiam técnicos cooperantes afectos à exploração geológica. Era uma brigada de geólogos.

Pergunta — Ao que parece, Valente Ernesto teve que emprender uma fuga de muitas horas. Pode descrever a maneira como teve que fugir?

Valente Ernesto — Primeiro tentei localizar o director da unidade para saber o que devíamos fazer. Não o encontrei, pois ele encontrava-se a combater numa outra zona. Quando me apercebi que já não havia resistência da nossa parte, decidi fugir. Tudo indicava que eles pretendiam semear a morte e raptar alguns responsáveis do Estado e da empresa. Eu próprio ouvi eles gritarem uns para os outros em chibassa: Agarrem-nos à mão. Resolvi atravessar o rio e fugir pelo matão. Durante o trajecto encontrei bastantes trabalhadores da empresa e, em especial, mulheres e crianças, procurando refúgio no matão.

Era patente o medo, pois são bem conhecidas as barbaridades cometidas pelos bandos armados. Existe uma grande consciência que não há que esperar deles senão aquilo que se pode esperar de um bandido, de um assassino.

Cinco quilómetros depois há só floresta. Atravesssei essa floresta durante uma extensão de aproximadamente 20 quilómetros. Depois da mata voltei a encontrar população. Numa localidade os camponeses recolheram-me e trataram-me da melhor maneira. Ofereceram as suas casas, puseram à minha disposição a cama onde dormiam e a melhor comida que tinham. Jamais poderei esquecer essa solidariedade.

Depois de ter andado cerca de 70 quilómetros apanhei boleia de um jeep que me levou para a localidade mais próxima. Durante a minha estada pude constatar o desprezo e o ódio que a população tem pelos bandos armados. Apesar do receio de sofrerem represálias, os camponeses apoiavam os trabalhadores que fugiam do ataque. Havia trabalhadores que para atravessarem o rio tiveram que tirar a roupa que usavam. A população deu-lhes roupa, deu-lhes peças de vestuário que lhes fazem tanta falta.

Os camponeses perguntavam sobre familiares e amigos que trabalhavam nas minas, queriam saber o que se passava. Havia mulheres que choravam pois tinham filhos e maridos que estavam na mina e cujo destino desconheciam.

Aquela é uma zona industrializada que absorve muita mão-de-obra da vizinhança. O ataque dos bandos armados fez com que aumentasse ainda mais o ódio da população.



Os engenheiros Valente Ernesto e Mário Deus, testemunhas do bárbaro ataque às minas de Morrua, falando à Informação

Pergunta — Voltando atrás: disse-ram que os bandidos falavam em chibassa; não se tratava, portanto, de pessoas da região?

Mário Deus — Pelo menos as ordens de comando e alguns diálogos eram em chibassa. Mas falavam também em português. Eu próprio ouvi, muito próximo de mim, gritarem: «Você é povo! A gente mata, a gente mata tudo!»

Pergunta — E depois do ataque como reagiram as pessoas?

Mário Deus — A reacção foi muito positiva. Aqueles que haviam fugido para o matão regressaram e houve a preocupação imediata de recolher os mortos e apoiar os feridos.

Pergunta — E houve feridos?

Mário Deus — Sim. Eu próprio vi uma pessoa que tinha apanhado um tiro no braço.

Pergunta — Como se comportaram os bandidos em relação às instalações de serviços sociais do acampamento?

Mário Deus — Destruíram completa-

mente o posto médico. Tínhamos acabado de receber medicamentos que foram roubados. A loja, depois de assaltada, foi também destruída.

Pergunta — Que mais podem dizer sobre a atitude das pessoas após o ataque?

Mário Deus — No geral, as atitudes foram de grande lucidez, da uma coragem invulgar. Muitos trabalhadores retomaram logo posições junto do equipamento que tinha ficado a trabalhar. Houve o cuidado de, no momento próprio, desligar a energia. Eu estava ainda escondido no meu refúgio quando vi um jeep a dirigir-se para a Central para desligar os comandos. Decidiu-se, de imediato, retirar os outros cooperantes já que eles eram mais visados. Na evacuação registou-se todo o apoio e protecção dada pelos trabalhadores e pelos camponeses da zona. Uma prova da maturidade dos trabalhadores é o facto de 24 horas depois a mina estar de novo a funcionar em pleno.